



Lastro da constituição de um sujeito capaz de pensar autonomamente, a formação filosófica deveria ser levada a todas as pessoas, dediquem-se elas ao mundo da cultura acadêmica ou ao mundo do trabalho: em ambas as situações, a meta é o exercício pleno da cidadania

Filosofia para a vida

O entrevistado desta edição, Antônio Joaquim Severino, é categórico ao defender que “a Filosofia se dirige, então, ao todo da população e sua finalidade é formativa do humano. Não se pode ser plenamente humanizado sem a prática do pensar reflexivo, sem o seu efetivo exercício”. Severino é professor aposentado de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), na categoria de Professor Titular, MS-6. Licenciou-se em Filosofia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, em 1964. Defendeu sua tese de doutorado sobre o personalismo de Emmanuel Mounier na PUC-SP, em 1972. Prestou concurso de livre-docência em Filosofia da

Educação, na Universidade de São Paulo, em 2000. Em 2003, prestou concurso de titularidade. Atualmente participa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove), de São Paulo. Nesta conversa com a **FILOSOFIA Ciência&Vida**, Severino relata, primeiramente, o início de sua trajetória profissional e quando teve seu primeiro contato e interesse pela Filosofia, na época em que ainda estava vinculado à carreira eclesiástica. No decorrer do diálogo, aborda também questões referentes à importância da Filosofia no cotidiano das pessoas e explicita os principais elementos da Filosofia personalista, além de apresentar suas ponderações sobre a presença da Filosofia no currículo do ensino médio.

IMAGENS: ARQUIVO PESSOAL

Jorge da Cunha Dutra, licenciado em Pedagogia (Furg) e em Filosofia (UFPEL), mestre em Educação (UFPEL) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Atualmente é bolsista da Capes. profdutrajc@gmail.com
Fábio Antonio Gabriel, professor de Filosofia, organizador de *Filosofia e educação – um diálogo entre os saberes na contemporaneidade* (Editora Multifóca), supervisor do Pibid/Capes/UENP subprojeto Filosofia www.mundofilosofico.com.br fabioantonio.gabriel@gmail.com Filosofia para a vida

ENTREVISTA

Antônio Joaquim Severino



O conhecimento é uma ferramenta privilegiada que orienta a existência e, dentre as modalidades de conhecimento, a Filosofia ocupa lugar proeminente

FILOSOFIA • O que te levou a se interessar pelo estudo da Filosofia?

SEVERINO • Meu contato com a Filosofia aconteceu em decorrência de meu vínculo de juventude com a carreira eclesiástica. O candidato a essa carreira deveria cursar Filosofia antes de ingressar em Teologia, conforme a tradição que a Igreja Católica segue desde os tempos medievais. No curso médio, não tive aulas de Filosofia, de forma direta, e ainda não fazia ideia de seu inteiro sentido.

FILOSOFIA • Sendo brasileiro, como foi estudar Filosofia em uma universidade estrangeira? O que te levou a escolher a Universidade Católica de Louvain, na Bélgica?

SEVERINO • Fui fazer a graduação em Filosofia na Universidade Católica de Louvain porque ganhei uma bolsa de estudos de uma entidade missionária belga, que investia na formação de quadros religiosos para os países do terceiro mundo. Eu aceitei a oferta por avaliar a importância dessa oportunidade. Receber formação superior numa instituição europeia era condição tida em alta consideração nos ambientes eclesiásticos de então. Estávamos na década de 1960. Quanto à experiência em si, apesar das dificuldades de adaptação a uma cultura muito diferente da nossa, foi extremamente positiva. Descobri a Filosofia em um ambiente em que ela era muito valorizada, e logo me identifiquei com os estudos da área. O curso de Filosofia que o Instituto Superior de Filosofia desenvolvia naquela época, entre 1960 e 1963, ainda estava sob a influência dos planos e ideias do Cardeal Mercier, que, na condição de primaz da Bélgica e grão-chanceler da Universidade de Louvain no início do século XX, queria que a Filosofia tomista estabelecesse diálogo aberto e competente com a Ciência moderna. Por essa razão, abriu grande espaço para disciplinas científicas, tanto no campo das Ciências Naturais quanto no das Ciências Humanas. Assim, a crítica ao Positivismo não deveria ser feita sem

a adequada frequência às Ciências. O currículo do curso exigia que o aluno cursasse no mínimo duas disciplinas do campo das Ciências Naturais e duas do campo das Ciências Humanas. E tais disciplinas eram cursadas nos respectivos institutos, o que me levou a estudar Genética e a frequentar o laboratório de Física, tendo tido a oportunidade de conviver, ainda que de forma introdutória, com as práticas científicas básicas e com seus registros protocolares. Também pude tomar contato mais aprofundado com as Ciências Humanas, tendo seguido duas disciplinas do campo das Ciências Sociais (Economia Política e Sociologia) que me forneceram referências significativas para o entendimento do processo histórico-social. Por outro lado, era grande a abertura às diversas tendências da Filosofia trabalhadas no curso. Assim, embora ainda tivesse suas raízes no neotomismo, o curso se abria às diversas tendências contemporâneas da Filosofia. Com efeito, ao lado da retomada histórica da Filosofia, da tradição tomista e do estudo de várias ciências, pude entrar em contato, por meio de disciplinas do próprio curso, com o marxismo, com o existencialismo, com o neopositivismo e, preponderantemente, com a Fenomenologia. O curso não se constituiu de uma visão monolítica e fechada, não me passou a ideia da Filosofia como sendo um sistema único, doutrinário, mas, ao contrário, abriu-se para diversas perspectivas. A visão que me ficou da Filosofia, desde então, foi muito mais a de um método de pensar do que propriamente a de um conjunto acabado de ideias já elaboradas.

Paralelamente a esse aprofundamento intelectual que o estudo da Filosofia propiciava, surgia a tomada de consciência das questões políticas, manifestada fundamentalmente por meio da insatisfação com as condições e estruturas socioeconômicas da sociedade brasileira. Crise de juventude universitária ou não, o fato é que mesmo a distância, agudizavam-se em mim o sentimento de revolta e a vontade de participação política,



A presença e interlocução da Filosofia, seja com o conhecimento científico e técnico, seja com o senso comum, são imprescindíveis e valiosas

alimentados pelo idealismo, pelo debate intenso e pela própria situação histórica do Brasil na época. Foi no contexto dessas preocupações que, já no 2º ano de Faculdade, em 1961, vim a conhecer a obra de Emmanuel Mounier, identificando-me com o seu pensamento e com sua proposta filosófica e política, que entendia como autenticamente revolucionária

FILOSOFIA • No cotidiano, são importantes a função e a contribuição da Filosofia. Como você percebe que o cidadão pode se valer da Filosofia para melhorar a sua qualidade de vida?

SEVERINO • Minha premissa é de que o conhecimento é a ferramenta privilegiada da espécie humana para a orientação de sua existência e, dentre as modalidades de conhecimento, a Filosofia ocupa lugar proeminente, dada sua perspectiva sintetizadora de abordagem do real. Desse modo, nas suas relações, seja com o conhecimento científico e técnico, seja com o senso comum, sua presença e interlocução são imprescindíveis e valiosas. E quanto mais o cidadão avança e aprofunda seus conhecimentos, mais o enfoque filosófico se torna necessário e relevante.

Não sem razão, impõe-se insistir em que o compromisso fundamental do conhecimento é com a construção da cidadania, entendida esta como uma forma adequada de existência no âmbito da *polis*, adequada porque realiza uma necessária qualidade de vida, que o próprio conhecimento, ferramenta privilegiada da espécie, lhe permite configurar historicamente.

Assim, discutir o ensino da Filosofia, no meu entender, pressupõe que tenhamos sempre presente este modo intrínseco de ser do pensar filosófico. A tarefa pedagógica relacionada com o filosofar me parece abrangente. O refletir filosófico, como o conceito, precisa atingir toda a comunidade humana, ou seja, por hipótese todos os homens deveriam estar pensando com vistas à intenciona-

lização de suas existências. É claro que a efetiva realização desta necessidade é algo historicamente precário, dada a carência das mediações humanas disponíveis. Mas tem-se isso por horizonte quando insistimos, ainda que molecularmente, em levar de maneira pedagógica a Filosofia às crianças do ensino fundamental, aos adolescentes do ensino médio e aos jovens do ensino superior, quaisquer que sejam suas opções vocacionais ou profissionais. A Filosofia se dirige, então, ao todo da população e sua finalidade é formativa do humano. Não se pode ser plenamente humanizado sem a prática do pensar reflexivo, sem o seu efetivo exercício.

FILOSOFIA • Um dos filósofos a que dedicaste tuas pesquisas de mestrado e de doutorado foi Emmanuel Mounier. Poderias nos falar como o pensamento desse autor pode contribuir para uma reflexão filosófica sobre a pessoa humana na contemporaneidade?

SEVERINO • Mounier foi uma descoberta gratificante no curso de Filosofia, como já disse. Ele me foi apresentado nas aulas de Ética, quando o professor nos falou da ética personalista, no quadro do pensamento contemporâneo. Isso foi no 2º ano do curso e, desde então, identifiquei-me com o modo pelo qual Mounier entendia o filosofar, profundamente marcado por uma aproximação muito grande entre teoria e prática. Mounier se tornou então meu “pedagogo” de juventude. Vi em seu personalismo a leitura e a explicação mais adequadas do momento histórico da época. Sem prejuízo do curso que seguia, dediquei-me à leitura sistemática de seus textos. Fundamentalmente impressionara-me a descrição que Mounier fazia da crise da civilização cristã-ocidental, mostrando que tal sociedade, ao contrário do que sempre se apregoa-
ava, não constituía uma situação de *ordem*, mas sim uma *desordem estabelecida*. Este diagnóstico era seguido de uma crítica severa aos vieses do liberalismo, ao formalismo da democracia burguesa,

ENTREVISTA

Antônio Joaquim Severino



No ensino médio, a Filosofia tem o papel de subsidiar o adolescente para que ele se entenda no contexto do mundo em que vive

ao egoísmo e ao individualismo que atravessava a cultura cristã-ocidental. Mounier entendia ser necessário “refazer o Renascimento”, superando, **as-**
sim, a desordem estabelecida e construindo uma nova sociedade, personalista e comunitária. Para esse projeto civilizatório, avocava a contribuição de todas as tendências mais significativas do pensamento contemporâneo: resgatava as representações mais consistentes do tomismo, integrava o existencialismo e dialogava intensamente com o marxismo. Para mim, Mounier representava, àquela altura, o próprio modelo do filósofo, capaz de relacionar o pensamento teórico com as necessidades da prática.

FILOSOFIA • Existe alguma relação entre as políticas públicas para a Educação e a adoção de determinadas linhas de pensamento vinculadas à Filosofia da Educação?

SEVERINO • Deveria existir, de forma explícita e sistematizada. Infelizmente, não é o que ocorre em nosso contexto nacional. Isso porque, de modo geral, as políticas públicas para a Educação se enleiam antes de tudo em opções ideológicas, que visam legitimar interesses de grupos privilegiados da sociedade. Por isso mesmo, a Filosofia da Educação precisa desenvolver, de forma sistemática, uma tarefa prévia de denúncia dos compromissos **ide-**
ológicos das políticas educacionais, da legislação e da própria prática educativa, antes de anunciar referências internacionalizadoras da Educação de que a nossa sociedade precisa.

FILOSOFIA • No atual cenário brasileiro, em que a disciplina de Filosofia é valorizada no currículo do ensino médio, de que modo acredita que ela pode contribuir para a formação dos estudantes?

SEVERINO • Como modalidade de conhecimento destinada a explicitar os sentidos das práticas humanas, a Filosofia se faz necessária em qualquer etapa

de nossa existência. Desse modo, sua presença no ensino médio é imprescindível, contribuindo para a formação do adolescente. Nesse nível de ensino, o seu papel é o de subsidiar o adolescente para que ele se entenda no contexto do mundo em que vive. O objetivo é levá-lo à experiência do refletir filosófico, como via de acesso ao sentido de sua existência no contexto da existência humana em geral. Não se trata de lhe passar erudição filosófica, informações históricas, conceitos abstratos, mas de suscitar a experiência de um pensar rigoroso, metódico e sistemático, sobre os problemas concretos do existir, dos quais ele já começa ter consciência e os quais já passa a enfrentar. Mas é claro que, no processo do tratamento didático, é preciso levar em conta o estágio de amadurecimento intelectual dos aprendizes.

O que se visa é subsidiar os adolescentes com vistas à conquista e à prática do exercício de uma reflexão capaz de assegurar-lhes, com autonomia e consistência, uma compreensão mais segura dos sentidos, conceituais e valorativos, que norteiam sua prática e, conseqüentemente, sua existência, sem descontextualizá-la diante das condições históricas onde ela se desenrola. Isso exige de nossa parte uma inflexão na prática do ensino de Filosofia, de modo que se possa levar o aluno do ensino médio ao exercício desse pensamento, à apreensão do sentido de sua existência, o que deve ser feito mediante um processo de interação do adolescente com o mundo de sua experiência existencial. Este diálogo supõe mediações, dentre as quais se destacam aquelas exercidas pelo professor, pelo currículo e pelo conteúdo das disciplinas. É que esse processo interativo de formação não ocorre apenas no âmbito da Filosofia, mas no âmbito de todas as disciplinas. Só que, no caso da Filosofia, essa mediação é intensa porque a disciplina coloca essa finalidade de forma explícita, direta e imediata, na medida em que procura subsidiar o sujeito educando a ressignificar sua experiência do mun-

do. E ela faz isso com a ajuda do conhecimento. É pela mediação da reflexão conceitual que o aprendiz deve lidar com suas condições existenciais, inclusive com sua afetividade. A Filosofia não deve ser confundida com um processo terapêutico ou com uma modalidade de autoajuda. Não se trata de desconhecer e de subestimar a relevância dessa dimensão afetivaemocional, imaginativa, de todos nós, mas de marcar a especificidade do exercício da reflexão racional, que opera como uma atividade de simbolização conceitual.

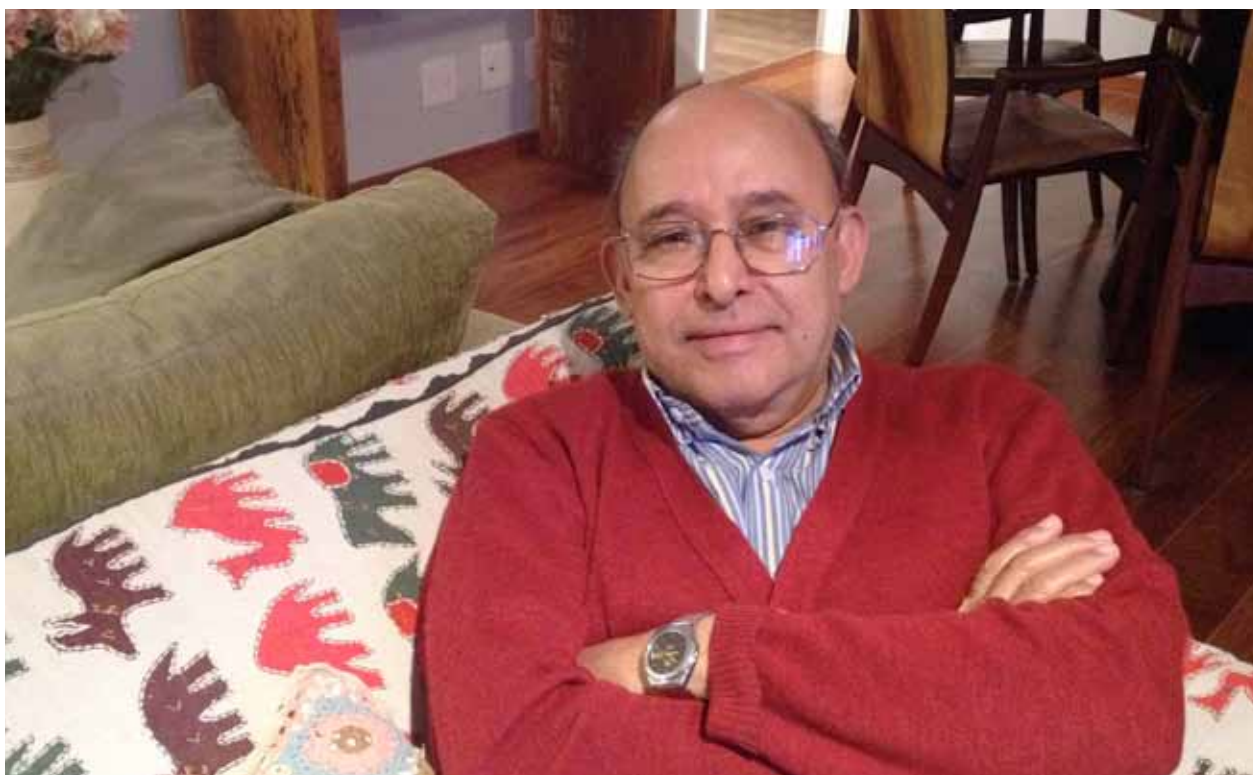
FILOSOFIA • Consideras importante a presença dos conteúdos de Filosofia nas provas do ENEM, ou nos processos seletivos universitários? Por quê?

SEVERINO: Sim, considero, pois a legitimação desses processos avaliativos encontra-se muito mais na maturidade humana e intelectual dos candidatos do que na capacidade de armazenamento de informações. O que está em pauta é exatamente a capacidade dos jovens, nas duas situações referidas, de analisar, com alguma objetividade, criatividade e criticidade, as questões que

lhes são apresentadas, questões que, espera-se, reflitam os problemas humanos reais que todos nós enfrentamos em nosso existir histórico. Mas é bom ter sempre presente que a formação, em geral, e a formação filosófica, em particular, do adolescente no ensino médio não devem pautar-se pela preparação para o ensino superior. Se é verdade que essa iniciação filosófica é de grande relevância para aqueles que ingressam no ensino universitário, ela é ainda mais relevante e imprescindível para os que entram, já ao término do ensino médio, para o mundo do trabalho.

FILOSOFIA • O que pensas a respeito da disciplina de Filosofia, no ensino médio, ser lecionada por professores formados em outra habilitação que a Filosofia?

SEVERINO: Em tese, é uma situação lamentável, pois uma sólida formação específica é condição imprescindível para um bom ensino. Isso é válido para todas as áreas do conhecimento. Sabemos que nossos currículos universitários já são frágeis em seu próprio campo específico; o que não dizer, então, no que concerne a um segundo campo?



A formação, em geral, e a formação filosófica, em particular, do adolescente no ensino médio não devem pautar-se pela preparação para o ensino superior

Portanto, vejo a exigência da formação específica como um horizonte a ser buscado, por razões mais que óbvias. Sem dúvida, na prática, são admissíveis situações especiais, podendo ocorrer essa docência se o professor, egresso de outra área, tiver assumido completar adequadamente sua formação filosófica. É que a competência filosófica pode muito bem ser adquirida por quem se dedique intensamente a essa forma de pensar, mesmo quando não num ambiente escolar específico.

FILOSOFIA • Em muitas escolas públicas a carga horária semanal da disciplina de Filosofia é de uma hora/aula, o que equivale a 45 ou 50 minutos de aula, dependendo da escola. Consideras esta carga horária suficiente para o desempenho do trabalho docente? Por quê?

SEVERINO • Óbvio que não. É evidente que diante das condições de precariedade geral da educação básica no país, temos que aproveitar ao máximo as brechas que se abrem, por menores que sejam. Mas é muito difícil desenvolver um trabalho formativo denso e qualificado nesse tempo... Por isso mesmo, é preciso continuar lutando para uma revolução pedagógica mais profunda em todo o nosso sistema educacional. Fazer da escola o lugar de um projeto educacional efetivo, um ambiente propício tanto ao ensinar como ao aprender.

FILOSOFIA • Qual é a importância da interdisciplinaridade da Filosofia com as demais disciplinas do currículo escolar?

SEVERINO • Entendo que o ensino da Filosofia no curso médio pode e deve realizar-se mediante uma atividade didático-pedagógica integrada com as demais disciplinas do currículo. Não por pura estratégia didática, mas em decorrência do próprio objetivo da formação integral dos alunos. Se o objetivo da formação filosófica é despertar os adolescentes para as dimensões fundamentais de sua existência real, quaisquer sejam, a facticida-

de, a historicidade, a sociabilidade, a politicidade, a eticidade e a esteticidade, o ensino da Filosofia precisa envolver atividades com as disciplinas que abordam essas dimensões. Para tanto, o professor de Filosofia deve buscar desenvolver um trabalho integrado com os seus colegas professores de História, Geografia, Arte, Língua, Literatura e Ciências Naturais, já que estas disciplinas tratam dos aspectos objetivos que concretizam as dimensões existenciais. Com base nos aspectos comuns que unem o conteúdo antropológico da Filosofia com os conteúdos específicos das demais disciplinas do currículo do ensino médio, a programação do componente de Filosofia deveria articular-se com as programações destas aulas, mediante módulos temáticos especiais, viabilizando atividades didáticas integradas e complementares.

Ao contrário do que aconteceu no início da Modernidade, hoje a Filosofia não está em conflito com as Ciências no que diz respeito ao conhecimento dos diversos aspectos da realidade. O que diferencia a Filosofia da Ciência não são os objetos, mas o método de abordagem. Assim, quando a Filosofia quer pensar o homem, ela recorre às conclusões das Ciências Humanas e as leva em consideração ao desenhar a imagem dele. Por isso, quando queremos levar o aprendiz do ensino médio a conhecer filosoficamente sua realidade histórica e existencial, o intercâmbio de referências com as demais ciências que ele está estudando simultaneamente é mais que bem-vindo, é até mesmo necessário. Assim, não é possível compreender a historicidade da vida humana sem recorrer aos subsídios das Ciências Históricas; não é possível compreender as relações sociais entre os homens sem os subsídios das Ciências Sociais; o pertencimento cósmico sem o conhecimento de nossa infraestrutura material, que nos é informada pelas Ciências Físicas; de nossa condição de organismos vivos sem a contribuição da Biologia e assim por diante.

lilo